



No Hospital da Ceilândia, a emergência funcionou só para os casos graves

Só emergência em Taguatinga

Taguatinga e Ceilândia prepararam esquemas especiais para enfrentar a greve dos médicos. Por isso, os hospitais das cidades só atenderam os casos mais graves, e não houve tumulto.

No Hospital Regional de Taguatinga (HRT), a triagem foi feita no setor de emergência, o único que funcionou. "As cirurgias seletivas foram suspensas", informou o vice-diretor, Otávio Rodrigues.

Os pacientes sem problemas graves foram encaminhados ao Hospital Universitário de Brasília e ao Hospital das Forças Armadas.

O atendimento na emergência do HRT durou, em média, 15 minutos. "Fui carregar lenha e não agüentei. Meu umbigo está doendo muito", reclamou Benvinda Souza, que veio de Januária (MG) para se consultar no hospital.

Ceilândia — Apesar da greve, o setor de emergência e o ambulatório do Hospital Regional da Ceilândia (HRC) funcionaram.

"Cada clínica tem autonomia para definir o atendimento", explicou o diretor, Romualdo Silveira Filho. Ele disse que a demanda, ontem, estava reduzida em 80%.

Os pacientes do ambulatório chegaram por volta das 7h. Até às 9h, não sabiam se seriam atendi-

dos. Só neste horário clínicas como ginecologia e dermatologia distribuíram fichas para quem tinha consulta marcada.

Os pacientes que procuraram a emergência do HRC também passaram por uma triagem. As filas, desde o início da manhã, foram pequenas.

Consultas — Os 11 centros de saúde da cidade funcionaram somente para vacinação, curativos e outras atividades que não precisavam de médicos.

No Centro de Saúde nº 7, no Setor O, as marcações de consulta foram suspensas. "Não temos previsão de quando recomeçam", avisou Augusto Gomes, encarregado de Recursos Humanos.

Muitos pacientes reclamaram. "Vim fazer o pré-natal dia 26 e o médico faltou. Vim hoje (ontem) e nada. Marcaram para o dia 21", protestou Rosana Pereira, moradora do Parque da Barragem, com cinco meses de gravidez.

Os sete centros de saúde de Taguatinga também funcionaram somente para os serviços que não dependiam de médicos.

No centro de saúde nº 9, de Samambaia, estavam funcionando apenas a farmácia, a vacinação, a aplicação de injeções, a nebulização e a aplicação de curativos.